

Amar até ao fim: a história de Joan

Joan é uma mãe e avó adorável, um verdadeiro presente para a sua família, que a cuida com profundo carinho. É a primeira supranumerária de Otava (Canadá). Com este testemunho recordamos a importância daqueles que cuidam das suas mães com amor e dedicação.

12/06/2025

Morrer por conhecer-te (*Dying To Meet You*)

Dying To Meet You é um projeto de renovação cultural que procura humanizar as conversas sobre o sofrimento, a morte, o sentido da vida e a esperança. Através da escrita, conferências, eventos, curtas-metragens e colaboração com outros, Amanda Achtmann promove uma busca comum pelo valor de cada ser humano.

Na história que se segue, Amanda entrevista Jill sobre os cuidados que presta à sua mãe, Joan, uma senhora de idade com demência.

Preparação do cenário

Joan está sentada, com um olhar doce, mas um bocado distante

— Joan, — pergunta-lhe Amanda — custa-lhe perder a memória?

Joan franze o sobrolho com curiosidade, como se procurasse uma resposta entre as nuvens.

— Perder a memória? — repete —. Onde é que perdi a minha... a minha memória?

Depois sorri, como que aceitando com humor o mistério.

— Tu... foste tu...? — acrescenta, meio a brincar.

— **Amanda:** viemos entrevistá-la hoje. Como se sente em relação a isso?

— **Joan:** Não me incomoda nada se o quiserem fazer — responde com naturalidade.

— **Amanda:** Quantos anos tem?

— Oh, muitos mais anos — diz Joan.

— **Amanda:** Como se chamava o seu marido?

Joan olha para cima, à procura entre as memórias.

— **Joan:** Já devia saber isso... Eu...
deixa-me pensar...

A sua filha Jill intervém:

— Mãe, o nome do pai... sempre o chamou Gil. O nome dele era Gilles. Gilles Lusignan.

Mas sempre o chamava Gil, porque falavam em inglês.

— Sim, é verdade – concorda Joan –. Isso é verdade.

— Joan, quantos filhos tem?

— Pelo menos três – responde com um sorriso –. Três ou mais.

As visitas semanais de Jill

Normalmente, tento virvê-la algumas vezes por semana – conta a filha –. Arranjo-lhe o cabelo, às vezes

ajudo-a a tomar banho, lavo-lhe o cabelo e penteio-a. Se for durante a semana, venho só dar-lhe um retoque, faço-lhe uns caracóis. Isso sempre fez parte da nossa rotina.

Jill sorri e olha para a mãe com ternura. – Gosto de a fazer rir. E também gosto de cumprimentar outros residentes que não têm visitas.

— **Amanda:** Mudou alguma coisa na personalidade dela ao longo dos anos?

— Sim – responde Jill –. Quando outras pessoas tentam cuidar dela, não gosta. Às vezes irrita-se com algum funcionário, e isso surpreende-nos. Mas quando conseguimos acalmá-la e centrá-la novamente, volta a ser ela própria.

Embora às vezes seja difícil manter conversa – acrescenta –, é preciso saber brincar um pouco com isso e

seguir em frente. Ainda assim, continua a ser aquela pessoa que amas. E tem-se oportunidade de partilhar, de a fazer feliz... e ela também nos faz felizes.

O sentido da doença

— **Amanda:** Qual achas que é o sentido de ter demência? Porque é que isso faz parte da condição humana?

É um mistério – responde Jill –. Acho que ninguém quer ter demência, pois não? Todos querem manter as suas faculdades até ao fim. Mas... faz parte de deixar partir a pessoa.

— **Amanda:** E achas que até os mais novos podem aprender alguma coisa com isso?

Sim, acho que é valioso aprender que não podemos controlar tudo. As pessoas que tentam fazê-lo acabam deprimidas. Porque a vida está cheia

de surpresas, e não se pode ter tudo sob controlo.

— **Amanda:** Uma das razões pelas quais muitos canadianos dizem que considerariam a eutanásia é o medo de serem um peso. Especialmente mães e avós. A tua mãe é um peso?

— Não, de modo nenhum – responde Jill, sem hesitar –. A sério.

— Achas que a forma como ela vos educou influencia a maneira como cuidam dela agora?

Sem dúvida. Tivemos uma mãe amorosa, e todos queremos amá-la até ao fim. Costumo brincar com os meus filhos: “Está bem, meus queridos, quando eu tiver 90 anos quero estar bem apresentada. Por isso, vão ter de vir ajudar-me a arranjar, lavar-me, arranjar-me o cabelo e as unhas, essas coisas todas”.

— Hoje está muito elegante —diz Amanda a Joan.

— Ai sim? – responde ela –. Bem... graças a Deus.

— **Amanda:** Então, se a tua mãe não é um peso... o que é para ti?

Jill: É um presente. Não é um peso. É um presente, até ao dia em que for para o céu, e vir o meu pai... e dance lá em cima com ele uma boa dança.

— **Amanda:** Continua a ser a mesma, como sempre foi?

— **Joan:** Bem... acho que sim.

— **Amanda:** A vida é sempre boa?

— **Joan:** Sim. Diria que a vida é muito boa. E então, a pergunta é: como é que continuamos para a frente?

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/amar-ate-ao-
fim-a-historia-de-joan/](https://opusdei.org/pt-pt/article/amar-ate-ao-fim-a-historia-de-joan/) (08/02/2026)